

LITERATURA E MEMÓRIA HISTÓRICA EM PEPETELA: A representação literária de um espaço de desesperança no romance *Parábola do Cágado Velho*

LITERATURE AND HISTORICAL MEMORY IN PEPETELA: The literary representation of a space of hopelessness in the novel *Parábola do Cágado Velho*

LITERATURA Y MEMORIA HISTÓRICA EN PEPETELA: La representación literaria de un espacio de desesperanza en la novela *Parábola do Cágado Velho*

LITTÉRATURE ET MÉMOIRE HISTORIQUE À PEPETELA: La représentation littéraire d'un espace de désespoir dans le roman *Parábola do Cágado Velho*

Maurílio Alves Rocha Júnior

Mestrando no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Humanidades (POSIH-MIH),
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Ceará, Brasil.

maurilioalvesrocha@gmail.com

 ORCID : <https://orcid.org/0000-0002-8812-5240>

Recebido em: 23/05/2023

Aceito para publicação: 02/09/2024

Resumo

O presente artigo analisa o romance *Parábola do Cágado Velho* (2005), do escritor Pepetela, buscando investigar como a guerra civil travada em Angola, está representada no presente romance em questão. A presente análise partiu da metodologia qualitativa, com levantamentos bibliográficos e elaborações de uma hipótese sobre a representação dos momentos bélicos no país angolano inseridos nos romances africanos de língua portuguesa. Recorre à bibliografia especializada de Ana Mafalda Leite (2013), Antônio Cândido (2014), Abdala Jr. (2009), Ernest Bloch (2005), Carmen Lúcia Tindó Ribeiro Secco (2009), Francisco Noa (2017), Inocência Mata (2009), José Luís Cabaço (2009), Magdala França Vianna (2009), Rita Chaves (2022), Sueli Saraiva (2013), entre outros, para a compreensão do espaço ficcional do romance, como também a memória histórica e política angolana. Através das análises, foi observado que o romance apresenta representações literárias com alusão à guerra civil (1976-2002), um combate armado entre partidos políticos que estiveram envolvidos nas lutas nacionalistas. Apresentando personagens distópicos, isto é, personagens afetados pela devassidão que o combate armado no pós-independência assolou nos territórios camponeses angolanos.

Palavras-chave: Romance Angolano, Pepetela, representação literária.

Abstract

This article analyzes the novel *Parábola do Cágado Velho* (2005), by the writer Pepetela, seeking to investigate how the civil war fought in Angola is represented in the present novel in question. The present analysis was based on qualitative methodology, with bibliographical surveys and elaboration of a hypothesis about the representation of war moments in the Angolan country inserted in Portuguese-language African novels. It uses the specialized bibliography of Ana Mafalda Leite (2013), Antônio Cândido (2014), Abdala Jr. (2009), Ernest Bloch (2005), Carmen Lúcia Tindó Ribeiro Secco (2009), Francisco Noa (2017), Inocência Mata (2009), José Luís Cabaço (2009), Magdala França Vianna (2009), Rita Chaves (2022), Sueli Saraiva (2013), among others, to understand the fictional space of the novel, as well as Angolan historical and political memory. Through analysis, it was observed that the novel presents literary representations alluding to the civil war (1976-2002), an armed combat between political parties that were involved in nationalist struggles. Presenting dystopian characters, that is, characters affected by the debauchery that post-independence armed combat devastated in Angolan peasant territories.

Keywords: Angolan Romance, Pepetela, literary representation.

Resumen

Este artículo analiza la novela *Parábola do Cágado Velho* (2005), de la escritora Pepetela, buscando investigar cómo la guerra civil librada en Angola está representada en la presente novela en cuestión. El presente análisis se basó en una metodología cualitativa, con levantamientos bibliográficos y elaboración de una hipótesis sobre la representación de momentos de guerra en el país angoleño insertados en novelas africanas de lengua portuguesa. Utiliza la bibliografía especializada de Ana Mafalda Leite (2013), Antônio Cândido (2014), Abdala Jr. (2009), Ernest Bloch (2005), Carmen Lúcia Tindó Ribeiro Secco (2009), Francisco Noa (2017), Inocência Mata (2009), José Luís Cabaço (2009), Magdala França Vianna (2009), Rita Chaves (2022), Sueli Saraiva (2013), entre otros, para comprender el espacio ficticio de la novela, así como la memoria histórica y política angoleña. A través del análisis, se observó que la novela presenta representaciones literarias alusivas a la guerra civil (1976-2002), un combate armado entre partidos políticos que se involucraron en luchas nacionalistas. Presentando personajes distópicos, es decir, afectados por el libertinaje que los combates armados posteriores a la independencia devastaron en los territorios campesinos angoleños.

Palabras-clave: romance angoleño, pepetela, representación literaria.

Résumé

Cet article analyse le roman *Parábola do Cágado Velho* (2005), de l'écrivain Pepetela, cherchant à enquêter sur la façon dont la guerre civile menée en Angola est représentée dans le présent roman en question. La présente analyse s'appuie sur une méthodologie qualitative, avec des enquêtes bibliographiques et l'élaboration d'une hypothèse sur la représentation des moments de guerre dans le pays angolais insérée dans les romans africains de langue portugaise. Il utilise la bibliographie spécialisée d'Ana Mafalda Leite (2013), Antônio Cândido (2014), Abdala Jr. (2009), Ernest Bloch (2005), Carmen Lúcia Tindó Ribeiro Secco (2009), Francisco Noa (2017), Inocência Mata (2009), José Luís Cabaço (2009), Magdala França Vianna (2009), Rita Chaves (2022), Sueli Saraiva (2013), entre autres, pour comprendre l'espace fictionnel du roman, ainsi que la mémoire historique et politique angolaise. L'analyse a permis d'observer que le roman présente des représentations littéraires faisant allusion à la guerre civile (1976-2002), un combat armé entre des partis politiques impliqués dans des luttes nationalistes. Présentant des personnages dystopiques, c'est-à-dire des personnages touchés par la débauche que les combats armés après l'indépendance ont dévastés dans les territoires paysans angolais.

Mots-clés: Romance angolaise, Pepetela, représentation littéraire.

Introdução

Com a ascendência dos estudos pós-coloniais, as literaturas africanas de língua portuguesa ganharam uma representatividade muito significativa na sociedade pós-moderna, uma vez que, por alguns momentos, principalmente nos anos em que Portugal considerava os espaços sociais africanos como colônias (período colonial, fins do século XIX até 1975), a cultura africana (classificados por alguns momentos como povos colonizados, subalternos) estava passando por um processo de invisibilidade, prevalendo apenas o domínio do colonizador.

Ana Mafalda Leite (2013) ao discutir sobre os estudos pós-coloniais descreve que este termo nasceu durante a “[...] pré-independência e no pós-independência” (LEITE, 2013, p. 16), ou seja, durante a efervescência das lutas nacionalistas e após a independência, quando Angola estava submersa no combate armado contra o colonizador. Descrevendo o conceito de pós-colonial como: “todas as estratégias discursivas e performáticas (criativas, críticas e teóricas) que frustram a visão colonial, incluindo, obviamente, a época colonial” (LEITE, 2013, p. 13).

Esse termo nasceu como uma forma de resistência e descolonização de todo pensamento e ações colonialistas, principalmente, no campo das ciências sociais, artísticas e literárias, justamente, para criar um desmonte de todos os aspectos referenciais às atitudes do colonizador, uma vez que o sistema colonial estava enraizado nas questões sociais, artísticas e literárias.

Dentre esta terminologia, pode-se perceber ações dos estudos pós-coloniais no âmbito literário. Muitos escritores utilizaram (e consecutivamente utilizam) o sistema literário como uma forma de recontar os sabores e os desafios dos anos tortuosos e vitoriosos durante a emancipação cultural, étnica, política e libertária de algumas ex-colônias na África (em especial, Angola).

José Luís Cabaço (2009), sociólogo moçambicano, estudioso sobre a identidade nacional e das lutas armadas, define esses momentos de combate armado e ideológico como um embate decisivo. Todos unidos em uma luta solidária contra o inimigo opressor (sistema colonialista):

A prática da luta armada implicava um profundo envolvimento com os camponeses, uma íntima relação com o pensamento nacionalista com a vida do povo, a consolidação da consciência de sua miséria, mas também de sua criatividade e suas capacidades de sobrevivência perante situações tão difíceis (CABAÇO, 2009, p. 420).

Escritores renomados no universo literário africano, como José Luandino Vieira, Manuel Rui, José Eduardo Agualusa, Ondjaki, especificamente, Pepetela (obra literária do presente

escritor que será o ponto de discussão neste presente artigo), e dentre outros, perpetuaram um sistema literário capaz de representar os aspectos culturais, sociais e políticos dos países africanos de língua portuguesa, principalmente, os espaços geográficos que estavam sob domínio do colonizador. Um sistema político que deslegitimava e desprestigiava todas as formas culturais e linguísticas dos povos africanos, como também todas as formas de saqueamento dos recursos socioeconômicos.

Nesse sentido, o escritor Pepetela que também foi combatente nos anos da luta armada, apresenta em suas obras um processo de interconexão com o passado histórico de Angola. Seja como uma forma de emergir à tona a memória histórica de luta e resistência angolana através da literatura, como também refletir sobre os cenários que levaram os angolanos a vivenciarem os períodos utópicos (como desejo de uma sociedade liberta através da luta armada), como também os momentos distópicos (quando perceberam que as esperanças de um união africana seria apenas um sonho idealizado eclodindo essa visão de distopia durante a efervescência da guerra civil)¹.

Conforme aponta o escritor moçambicano, Mia Couto (2009), ao enaltecer o clássico romance das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, chamado de *Mayombe* (2013), escrito por Pepetela: “Pepetela juntou-se ao movimento revolucionário e pegou em armas, seguindo o apelo da libertação do seu país. Eu sei quanto isso é difícil.” (COUTO, 2009, p. 81).

Conforme observa-se no romance *Parábola do Cágado Velho* (2005)², escrito nos anos de 1990 e publicada inicialmente em 1996. Este romance, constituído por uma narrativa em terceira pessoa, conta uma história de amor (bigamia) entre Ulume (homem, em Umbundu) e Munakazi (mulher, em Mbunda), cujo enredo versa sobre as catástrofes e os efeitos de uma guerra civil no cotidiano dos povos interioranos (o homem do campo). Outrossim na narrativa do presente romance existem uma personagem alegórica que guarda grandes segredos da humanidade e que todos cultuam como o grande sábio, que é um animal, especificamente um Cágado Velho.

Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo analisar o romance *Parábola Cágado Velho* (2005), especificamente, buscando discutir como o contexto de um espaço de desesperança, que foi a guerra civil travado em Angola (por volta dos anos de 1976-2002), está representada (e consecutivamente engajada) no sistema literário do romance em questão.

Nesse interstício, para sustentar esta análise literária haverá um diálogo com as pesquisas de Ana Mafalda Leite (2013), Antônio Cândido (2014), Benjamin Abdala Jr. (2009), Ernest Bloch

¹Preliminarmente, pode-se compreender o conceito de utopia e distopia a partir dos achados de Ernest Bloch (2005). Descrevendo a utopia como um pensamento idealizado, conceituado como “sonho diurno” (BLOCH, 2005, p. 29). Um desejo, que poderá ser realizado, pois é um: “[...] processo que ainda não resultou no seu conteúdo mais imanente, o qual está sempre a caminho de se realizar [...]” (BLOCH, 2005, p. 144). Enquanto a distopia, Benjamin Abdala Jr (2013) conceitua como: “A tendência, quando esses sonhos não se concretizam integralmente como se desejava, é o estado de melancolia, ou a distopia entre os atores embalados pela plenitude da utopia.” (ABDALA JR, 2013, p. 82).

²Doravante: *PCV* (2005), romance de Pepetela, romance do escritor angolano e romance angolano.

(2005), Carmen Lucia Tindó Ribeiro Secco (2009), Francisco Noa (2017), Inocência Mata (2009), José Luis Cabaço (2009), Hilton Japiassu (1976), Magdala França Vianna (2009), Rita Chaves (2022), Sueli Saraiva (2013) e entre outros estudiosos do campo dos estudos pós-coloniais e das Ciências Sociais, que buscam uma análise apurada das obras literárias de Pepetela e o contexto histórico dos países africanos.

O projeto literário de Pepetela:

Nos anos de 1961 surge em Angola as lutas armadas pela independência nacionalista angolana. Esse combate armado tinha como principal objetivo a libertação cultural, étnica e econômica das amarras do colonialismo, isto é, um sistema político que deslegitimava toda as formas de opressão, desde o processo de escravidão, inferiorização do negro até a instauração de um imperialismo branco colonial.

Rita chaves (2022), ao analisar romances da literatura angolana, descreve que uma das estratégias do colonialismo seria: “[...] impedir a circulação das ideias, bloqueando as trocas culturais entre os vários grupos, percebemos a importância desse clima de exteriorização de valores e diferenças como já um ato subversivo” (CHAVES, 2022, p. 96).

Entre os anos de 1961 até 1965, Angola estava submersa em um combate armado contra o sistema colonial. Todos angolanos estavam envolvidos em um combate solidário em prol da independência nacionalista. O sociólogo, José Luíz Cabaço (2009), ao investigar a construção da identidade nacional e as lutas armadas, descreve este momento com um embate decisivo na vida dos angolanos que estiveram envolvidos em conflitos, divisões, mas que estavam unidos em uma luta solidária contra o inimigo aniquilador (colonizador) por somente uma esperança, uma só utopia: erguer a independência e deslegitimar o colonialismo.

Cabaço (2009) descreve que o: “profundo envolvimento com os camponeses, uma íntima relação do pensamento nacionalista com a vida do povo, a consolidação da sua miséria, mas também das suas capacidades de sobrevivência perante situações tão difíceis” (CABAÇO, 2009, p. 314).

Com a proclamada independência angolana em 1975, após um ano dos festejos da vitória contra o inimigo opressor (a partir dos anos de 1976). Após 11 de novembro de 1975, urge a guerra civil, que se estende por volta dos anos de 2002, com esse fenômeno surge a disputa por terras atrelada ao poder individualista. A utopia idealizada nas lutas de independência de que todos estavam unidos lutando contra o colonialismo, rompeu-se tornando uma distopia durante o pós-independência, quando os guerrilheiros estavam envolvidos em uma profunda guerra civil, cujo objetivo pautava-se na: “diluição de qualquer sinal na direção de uma sociedade mais justa. [...] instala-se o jogo do ‘salve-se quem puder’. A ordem é acumular e cada um há de usar o capital de que dispõe” (CHAVES, 2005, p. 103).

Conforme ressalta Chaves (2022), ao analisar o romance *A geração da Utopia* (2000), faz ponderações sobre os combates armados em que a população angolana vivenciaram ao longo dos anos. E neste ponto, a pesquisadora faz uma descrição dos efeitos e o que foi a guerra

civil:

O tempo correu, a luta pela independência política se fez, o inimigo comum foi derrubado, todavia levantaram-se os fantasmas previstos e mais aqueles que não se fizeram prever. O leitor depara-se com uma sociedade marcada pela corrupção, pela falta de escrúpulos, pela irresponsabilidade social (CHAVES, 2022, p. 107).

Com o desmonte do colonialismo em terras africanas, a vitória contra o inimigo e um novo espaço de luta durante a guerra no pós-independência, que deixou muitos países africanos devastados durante o combate³, muitos escritores criam um espaço dentro da ficção africana para descrever estes momentos tortuosos em que África (em especial Angola) sofreu. Uma literatura que apresenta uma verossimilhança da realidade vivenciada pelos civis e os guerrilheiros envolvidos nestes momentos revolucionários.

Sueli Saraiva descreve que: “Conquistadas as respectivas independências, seus escritores, testemunhas de um tempo de profundas mudanças políticos-sociais, permaneceram atentos aos desdobramentos do pós-independência, entre eles os longos enfrentamentos bélicos [...]” (SARAIVA, 2012, p. 17).

Em consonância com o pensamento de Saraiva (2012), o escritor angolano Pepetela é uns dos exemplos, que compartilhou suas memórias históricas como combatente intelectual no Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) na literatura de Angolana. Como afirma em entrevistas: “Uma participação tão prolongada no processo de libertação e de constituição de uma nação deixa marcas e influências na minha literatura, sobretudo em termos dos temas que escolho” (MOTA, 2000, p. 37).

Vários dos romances de Pepetela⁴, nota-se personagens mergulhados no passado revolucionário angolano, principalmente, nas lutas anticoloniais e pós-coloniais. Em todo projeto literário de Pepetela o espaço geográfico concentra-se nos anos mais decisivos em Angola. Como se o escritor, pela via da ficção, transformasse a literatura angolana em um espaço de reflexão entre o “[...] Pré-Independência e no Pós-Independência” (LEITE, 2013, p. 16).

³ Na literatura moçambicana, pode-se perceber os destroços dos anos revolucionários no projeto literário de Mia Couto, em especial, no romance *Terra Sonâmbula* (2015). O escritor moçambicano inseri um narrador que introduz a obra com uma narrativa apresentando a devastação da guerra civil em Moçambique. Paralelamente na literatura angolana, pode-se perceber a representação destes anos revolucionários no projeto literário de Pepetela, em especial, no romance *O Desejo de Kianda* (2021). Uma obra que traz uma denúncia dos destroços ocorridos durante a grande luta armada no pós-1976.

⁴ Em suma as obras de Pepetela são: *As aventuras de Ngunga* (1973), *Muana Puó* (1978), *A revolta da casa dos ídolos* (1979), *Mayombe* (1980), *Yaka* (1985), *O cão e os caluandas* (1985), *Lueji* (1989), *Luandando* (1990), *A geração da utopia* (1992), *O desejo de Kianda* (1995), *Parábola do cão velho* (1996), *A gloriosa família* (1997), *A montanha da água lilás* (2000), *Jaime Bunda, Agente Secreto* (2001), *Jaime Bunda e a morte do americano* (2003), *Predadores* (2005), *O terrorista de Berkeley, Califórnia* (2007), *O quase fim do mundo* (2008), *Contos de morte* (2008), *O planalto e a estepe* (2009), *Crônicas com fundo de guerra* (2011), *A sul. O sombreiro* (2011), *O tímido e as mulheres* (2013), *Como se o passado não tivesse asas* (2016), *Sua Excelência, de corpo presente* (2018).

Conforme explicita Inonência Mata:

“Esse tipo de marcação da dinâmica temporal tão frequente nos romances de Pepetela é determinada pela “matéria temporal”: narrar a *nação* angolana pressupõe a textualização de um passado de guerras e falar da guerra como força motriz de transações cíclicas [...]” (MATA, 2009, p. 203).

Dentro dos vários romances de Pepetela, pode-se notar estes apontamentos no romance *PCV* (2005). Neste romance, publicado pela primeira vez em 1996, tecido para o leitor através de uma narrativa em terceira pessoa (notadamente o narrador se entrecruza na narrativa, como uma personagem envolvida na trama), abordando uma história de amor (bigamia) entre Ulume e Munakazi, constituindo como pano de fundo o combate armado no pós-1975 em que seus filhos Luzolo e Kanda são também protagonistas e combatentes dessa luta armada.

Em entrevistas concedidas, o escritor angolano argumenta que dentro do romance em questão existem características estritamente interligadas ao país de Angola, até a geografia do país: “Está tudo subvertido naquele livro, até a geografia... Um microcosmo que representa o país” (PORTAL DA LITERATURA, 2009, p. 43).

Estudiosos da literatura angolana, em especial, dos romances escritos por Pepetela, considera o autor um gênio literário, uma vez que conseguiu inserir suas memórias históricas como combatente do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) nas veias literárias. Segundo Secco, ao analisar o romance em questão de Pepetela, descreve que: “Em seus romances escritos após 1990, Pepetela insiste na chave de reescrever Angola. Só que faz pelo viés das distopias sociais, alertando para as crises que destruiu o país” (SECCO, 2009, p. 154).

Outrossim, na ficção de Pepetela, pesquisadores e pesquisadoras observam a estreita relação interdisciplinar entre Literatura e a memória histórica⁵. Ou seja, através da escrita de Pepetela, nota-se representações e alegorias que se refere aos anos da guerra civil angolana. Um momento em que dois partidos políticos (MPLA e UNITA) que estiveram envolvidos nas lutas de Independência em Angola e que no pós-1975 disputam-se entre si os espaços políticos e geográficos.

Conforme explicita Chaves (2022), ao utilizar os romances do escritor angolano como objeto de pesquisa, e perceber que o território geográfico e histórico de Angola (pela via da historiografia) está presente nos espaços ficcionais do escritor angolano:

⁵ Este fundamento sobre a possibilidade da aproximação da escrita literária de Pepetela com a memória histórica angolana através da interdisciplinaridade, pode ser reforçado a partir do pensamento de Hilton Japiassu (1976) ao discutir que a interdisciplinaridade pode ser vista como um mecanismo metodológico capaz de fazer uma “interação de disciplinas” (JAPIASSU, 1976, p. 61) e desmontar a fragmentação dos conhecimentos, pois um dos fundamentos está relacionado em: “[...] exigir de nós uma reflexão profunda” (JAPIASSU, 1976, p. 42) e “exigirá de nós que reformulemos nossas estruturas mentais, que desaprendemos muitas coisas” (JAPIASSU, 1976, p. 42).

[...] Pepetela firma o seu itinerário e o organiza as linhas de uma obra onde se podem recolher os fios expressivos da própria história de Angola. Talvez mais do que em qualquer outra produção, estejam visivelmente assinalados na sua as representações, os impasses e as contradições da história recente do país (CHAVES, 2022, p. 95).

Além dessas reflexões sobre os anos revolucionários de independência angolana, o projeto literário de Pepetela apresenta manifestações literárias arraigadas às denúncias contra o assimilacionismo, colonialismo, sentimento de despertencimento da cultura colonialista e a importância de uma liberação nacionalista. Apontamentos estes discutidos por Antônio Cândido (2006) ao relacionar literatura e a vida social.

Tal como expõe Cândido ao discutir sobre os territórios literários ficcionais: “[...] averiguar como a realidade social se transforma em componente de uma estrutura literária, a ponto dela poder ser estudada em si mesma; e como só o conhecimento desta estrutura permite compreender a função que a obra exerce” (CÂNDIDO, 2006, p. 09).

Ulume e a representação de um espaço de desesperança no romance *parábola do cágado velho*:

Como postulado, as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa têm um papel importantíssimo nas reflexões sobre a construção nacional africana, tendo em vista que foi a partir das narrativas literárias que os debates sobre a condição social entraram em auge nos estudos pós-coloniais. Escritores e Escritoras de nacionalidades e origens africanas conseguiram construir espaços literários que discutem e criam processos de reflexões sobre os fantasmas do passado colonial e pós-colonial e trazem à tona reflexões sobre as feridas da sociedade deixada no pós-independência.

Assim, a partir dos pensamentos de Manuel Ferreira, entende-se que o colonialismo além de ser considerado a negação da cultura do outro é também uma forma de:

[...] repressão individual, da exploração econômica, da negação do sentimento e da consciência nacionais. (...) O colonialismo, de caso pensando e por força do seu sistema interno, despersonaliza o colonizado, deprime-o, destrói-lhe a imagem que ele forma do seu universo singular, coisifica-o e não lhe permite que ele se torne sujeito de história (FERREIRA, 1980, p. 02).

Outrossim, intelectuais moçambicanos como Francisco Noa, mesmo discutindo as construções literárias que assumem a “[...] imagem da moçambicanidade” (NOA, 2017, p. 17) nos romances africanos, percebe-se que os seus postulados perfazem também na literatura angolana, principalmente, quando descreve sobre a representação das experiências dos períodos mais utópicos e distópicos em que os territórios africanos conviveram.

Desse modo, Noa argumenta que:

O período em que se segue imediatamente à independência de Moçambique em 1975 será dominado por um grande fervor revolucionário que contaminará as artes, a literatura moçambicana, em particular, e que fará com que haja uma produção maciça de textos literários, sobretudo através da imprensa, mas de pouca relevância estética (NOA, 2017, p. 19).

É o que fomenta na ficção de Pepetela e, principalmente, no romance *Parábola do Cágado Velho* (2005). O romance inicia com uma narrativa (como uma forma de epílogo) com aspectos culturais de Angola, como a própria oralidade, isto é, o narrador apresenta trechos de uma narrativa que traz um chamamento a contação de histórias⁶. Tal como expressa no trecho: “Suku-Nzambi aquele mundo. Aquele e outros, todos os mundos [...]” (PEPETELA, 2005, p. 08). Esta descrição literária já pode ser considerada a marca literária na literatura de Pepetela, uma vez que as narrativas do escritor apresentam elementos linguísticos expresso na língua portuguesa, como também elementos da língua angolana.

Nessa perspectiva, *PCV* (2005) conta com personagens importantes para a construção romanesca da obra. Como a exemplo das personagens Ulume, Muari e Munakazi, que em alguns momentos da narrativa tece uma história de amor bigamia entre Ulume, personagem principal, e Munakazi, uma mulher mais nova do Ulume. Com este romance irá afagar a dor de Muari (atual esposa de Ulume), por não poder engravidar novamente, tendo em vista que os seus únicos filhos são Luzolo e Kanda.

Eliane Rosa de Goes explicita que o romance apresenta como protagonista principal Ulume, tendo em vista que é: “Um camponês que periodicamente subia ao topo de uma montanha a fim de conversar com um cágado velho. Ulume casou-se com a Muari e com ela teve dois filhos, Luzolo e Kanda, que rivalizavam a ponto de encabeçar cada um uma guerra.” (GOES, 2011, p. 10)

Nesse sentido, analisando a narrativa de Pepetela, nota-se a efervescência de um sentimento de Utopia na personagem Ulume, tendo em vista que casado novamente com a segunda mulher, mais jovem (a mesma que pressentiu em uma visão no momento da explosão da granada), possa ser feliz sendo pai novamente.

Sobre o conceito de Utopia, Ernest Bloch (2005) ao estudar o conceito, descreve-o como um pensamento idealizado, conceituado como “sonho diurno” (BLOCH, 2005, p. 29). Um desejo, que poderá ser realizado, pois é um: “[...] processo que ainda não resultou no seu conteúdo mais imanente, o qual está sempre a caminho de se realizar [...]” (BLOCH, 2005, p. 144).

⁶ Tal como expressa a proposta do título da obra “Parábola do Cágado Velho”. Uma contação de história pelo viés da fábula, que no fim existe uma lição de moral.

Por outro lado, existem outras personagens que são importantes para a trama romanesca: os dois filhos de Muari e Ulume. No decorrer da narrativa, Kanda e Lukolo desejam fugir (e consecutivamente fogem) da aldeia, cujo os pais frequentam, justamente para viver uma vida na sonhada cidade de Calpe (um lugar em que todos os jovens das aldeias idealizam como um ambiente em todos vivem em paz, longe das guerras e a fome).

Conforme descreve o narrador do romance angolano ao descrever a indignação da personagem Munakazi sobre a mudança de aldeias, por conta da guerra: “A primeira mulher compreendia que ela não queria vir para o Vale da Paz, por isso a tinha afastado muito de Calpe. O sonho dela e de todos os jovens era conhecer a Calpe. A mudança tinha sido uma machadada muito forte neste sonho” (PEPETELA, 2005, p. 79).

Para Secco (2009), a cidade de Calpe é vista por todas as personagens mais jovens das aldeias com uma visão utópica de um lugar civilizado, em que todos os civis não necessitam se preocupar com os problemas sociais severos (fome, guerra, disputa de poder, por exemplo). No entanto, através da voz do narrador e os discursos da personagem Munakazi, pode-se interpretar como um lugar de desesperança, a distopia social, pois todos os problemas sociais residiam naquele território:

Munakazi se casa com Ulume, porém, de modo semelhante aos filhos dele, foge para a Calpe, local das utopias revolucionárias. A intertextualidade com os romances *Muana Puó* e *O Cão e os Calus*, obras anteriores de Pepetela em que Calpe também está presente, é evidente. Só que, em *Parábola do Cágado Velho*, essa cidade surge não mais como espaço dos sonhos, mas como um lugar de pesadelos, distopias, misérias e desencantos (SECCO, 2009, p. 166).

Porém Luzolo e Kanda, durante a efervescência da guerra civil, alistam-se em partidos políticos diferentes a fim de participar ativamente de uma luta armada. Desse modo, se inicia a luta interna no pós-1976, quando dois partidos políticos estiveram envolvidos nas lutas de libertação nacionalista em Angola e agora lutam entre si em busca do poder político e territorial angolano.

Consoante descreve o narrador:

Perdeu o segundo filho, da mesma maneira que o primeiro. Kanda entrou no carro, adeus gente, levou apenas um saquinho com as suas coisas. Chegou mais tarde o mujimbo anunciando que se tornara soldado. Por que ficara Kanda tão zangado ao saber que Luzolo entrara num exército, se agora fazia o mesmo? (PEPETELA, 2005, p. 25).

Jurema Oliveira (2008), ao analisar o romance em pauta, ressalta que a obra apresenta os conflitos bélicos, mas também apresenta uma estreita história: “[...] de migração de famílias

que resistem e continuam buscando respostas para as ‘interrogações’ e incertezas que assolam os *kimbos*.” (OLIVERA, 2008, p. 08).

Nesse viés, à luz da discussão desta presente análise, o narrador apresenta situações em que a personagem principal vivencia os espaços distopia, consagrados, então, como momentos de desesperanças. Os primeiros momentos distópicos presentes no romance *PCV* (2005) é apresentado quando Ulume e os demais personagens vivenciam os efeitos da guerra civil nas aldeias. Quando observa que existem dois tipos de combatentes durante o ato armado. Uns que visitam a aldeia a fim de se alimentar e pedir abrigo durante o período noturno de uma forma protetiva, outros que visitam à aldeia a fim de sucatear, dilacerar todos os mantimentos e abusar de jovens mulheres que residem nesses ambientes rurais.

Conforme é descrito na narrativa do romance:

Ulume abanou a cabeça e olhou para as chamas que começavam a aparecer, porque Munakazi falava mas também ia soprando nas brasas, como se fosse as palavras de que avivavam o vermelho da fogueira. Continuou: -Não vêem que uns soldados pedem comida e outros tiram logo? Há uma diferença entre eles (PEPETELA, 2005, p. 69).

Outrossim, ao passo que Bloch (2005) descreve o conceito de Utopia, o filósofo aponta brevemente o conceito de Distopia. Apontando descrições que são antagônicas ao pensamento utópico, cujo todo o pensamento de desesperança e devastação de todos os ânimos estão presentes: “[...] demonstrar nossa total incapacidade de imaginar tal futuro [...]” (BLOCH, 2005, p. 15).

Nesse interstício, Maria Varsam ao descrever um capítulo sobre “Concrete Dystopia: Slavery and Its Others”⁷, utiliza a obra “O princípio da esperança” de Bloch (2005), como aporte teórico para descrever um paralelo entre o conceito de utopia e distopia concreta. Com isso, a estudiosa descreve a distopia como um sentimento antagônica à utopia destacando que:

In opposition to concrete utopia, concrete dystopia designates those moments, events, institutions, and systems that embody and realize organized forces of violence and oppression. Where concrete utopia envisions freedom from violence, inequality, and domination, concrete dystopia expresses coercion (physical and psychological), fear, despair, and alienation (VARSAM, 2003, p. 209)⁸.

⁷ Tradução: “Capítulo 11- Distopia concreta- A escravidão e os outros”.

⁸ Tradução: “Em oposição à utopia concreta, a distopia concreta designa aqueles momentos, eventos, instituições e sistemas que incorporam e realizam forças organizadas de violência e opressão. Enquanto a utopia concreta prevê liberdade de violência, desigualdade e dominação, a distopia concreta expressa coerção (física e psicológica), medo, desespero e alienação” (VARSAM, 2003, p. 209).

Com isso, nota-se rastros da distopia nestes ambientes rurais longe da metrópole, cujo civis estão no desalento das informações e o real sentido da guerra civil em Angola. Os camponeses também vivenciam os destroços da grande guerra em cada aldeia que caminhavam e residiam. Em todos os ambientes rurais, longe da Calpe e qualquer outras metrópoles em Angola, as personagens percebem os efeitos catastróficos desses momentos bélicos.

Assim descreve o narrador ao apresentar um retrato dos momentos mais delicados em que os civis (e consecutivamente guerrilheiros e ex-guerrilheiros) vivenciaram:

A guerra voltou. Aviões e canhões destruíram os kimbos e as gentes tornaram a se entranhar nas profundezas das Mundas para sobreviver e lutar. Anos e anos. E a fome sempre presente, pois é difícil cultivar ou tratar do gado se vivemos escondidos em fuga. Ulume entendeu as razões desta dura guerra anteriores, de sobas ou de kuata-kuata, que o povo não compreendia nem queria (PEPETELA, 2005, p. 14).

Secco (2009) ao descrever uma síntese das lutas armadas que estão representadas no romance reforça que: “[...] A seguir, registra a grande revolta que dizimou tantas aldeias, mas que culminou com a Independência e ocasionou um período de paz, embora curto, porque, logo cuja ação nefasta, fatricida espalhou fome, doenças, miséria e desencanto por toda parte do país.” (SECCO, 2009, p. 161)

Ademais, através da narrativa, este pensamento de Utopia e Distopia pode também ser observado no discurso da personagem Ufalo, o guerrilheiro ferido, que retorna para a aldeia de origem. Que, inicialmente, pode-se inferir que este sentimento perpassou por vários guerrilheiros e ex-guerrilheiros durante a narrativa literária do escritor angolano:

O ferido já estava bom, começou a ajudar Mande nos trabalhos. À tarde ia para o njango conversar com os homens, de dia conversava com as raparigas. Chegava a brincar com as crianças. Falou muitas vezes da guerra, primeiro com calor entusiasmo. Mas os camponeses notavam que esse entusiasmo ia esmorecendo (PEPETELA, 2005, p. 30).

Dessa forma através destes apontamentos, pode-se interpretar que o romance *PCV* (2005) apresenta palcos de cenas distópicas, de desesperança, em todo o decorrer da narrativa. Desde o envolvimento dos camponeses a procura de compreensão (pela via dos combatentes que visitam de uma forma civilizada e outros de forma grosseira as aldeias) sobre o entendimento do que levou Angola reascender novamente uma luta armada até a fuga dos civis (residentes da zona rural) perpassando de aldeias para aldeias a fim de encontrar a paz.

Considerações finais

Desse modo, diante da presente análise, é observado a grande importância da escrita literária do escritor angolano Pepetela, uma vez *PCV* (2005) é considerada um objeto de fruição e conhecimento a qual o leitor possa (re) imaginar os anos mais ardentes das lutas armadas e conviver com as personagens todas os sonhos utópicos, distópicos, mas também a resiliência e a fuga pela sobrevivência nos espaços literários.

Doravante, o romance angolano em questão pode ser considerado uma ferramenta sociológica e histórica na qual possa refletir todo o cataclismo que a guerra civil parou nos territórios angolanos. Principalmente no campo (na zona rural), tendo em vista que as personagens não mantinham informações sobre o porquê da efervescência da guerra civil.

Tal como expressa a personagem Ulume ao conversar com o seu filho (no tempo da narrativa: comandante dos guerrilheiros armados) Kanda sobre a grande guerra:

“-Tu sempre foste esperto, por isso podes me explicar. Quem ganhou esta guerra? Tu talvez tenha ganho, pelo menos parece pelo aspecto. O teu irmão não tem nada. Quem ganhou, eu não sei. Quem perdeu, isso eu sei, fomos todos nós” (PEPETELA, 2005, p. 113).

Nesse sentido, o escritor angolano, na dinâmica das literaturas africanas de língua portuguesa, concede a voz ao outro, isto é, todos aqueles que estiveram no lugar do esquecimento, silenciados na história política e social de Angola, mas com todo o rigor resistiram e partilharam o que tinham durante a grande guerra pós-1976.

Tal como expressa à atitude de Ulume quando percebeu que Ana e Mande não tinham nenhum alimento para consumir depois que os soldados do inimigo saquearam todos os mantimentos dos aldeões: “No entanto, Ana e Mande se aproximaram silenciosamente não temos nada para comer, até nos incendiaram as casas. Foram obviamente convidados para partilhar o pouco que encontraram” (PEPETELA, 2005, p. 69).

Outrossim, ler, analisar e refletir (pelo viés da pesquisa científica) as narrativas literárias de Pepetela, é observar a geografia, cultura, os aspectos linguísticos, costumes, formação política nacional e as tradições dos povos angolanos pela via das Literaturas Africanas. Outrossim, é refletir sobre a visão de personagens, caracterizados como todos aqueles que conviveram e sofreram os efeitos de uma luta individualista.

Referências bibliográficas

ABDALA JÚNIOR, Benjamin. Memórias de uma Geração da Utopia, ou da esperança como princípio. *Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana, Abril – NEPA / UFF*, v. 5, n. 11, p. 69-83, 30 nov. 2013. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistaabril/article/view/29662/17203>. Acesso em: 31\01\2024.

BLOCH. Ernest. *O princípio da esperança*. Volume I. Tradução: Nélío Shneider. Rio de Janeiro: EDUERJ, Contra Ponto. Rio de Janeiro: 2005.

CABAÇO, José Luís. **Moçambique: identidade, colonialismo e libertação**. São Paulo, Editora UNESP, 2009.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: outro sobre azul, 2014.

CHAVES, Rita. Pepetela: Romance e Utopia na história de Angola. In: _____. **Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários**. Cotia: Ateliê Editorial, 2022.

COUTO, Mia. **Terra Sonâmbula**. 1ª ed. São Paulo: Companhia de bolso, 2015.

COUTO, Mia. Pepetela -A pestana Vigiando o Olhar. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia (Org.). **Portanto... Pepetela**. São Paulo: Ateliê editorial, 2009.

LEITE, Ana Mafalda. Estudos pós-coloniais. In _____. **Literaturas africanas e formulações pós-coloniais**. 2ª ed. Colibri, 2013.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e Patologia do saber**. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1976.

SARAIVA, Sueli. A forma artística e o conteúdo social sedimentado. In: _____. **Boaventura Cardoso, Mia Couto e a experiência do tempo no romance africano**. São Paulo: Terceira Margem, 2012.

PEPETELA. **Parábola do Cágado Velho**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

PEPETELA. **O desejo de Kianda**. São Paulo: Editora Kapulana, 2021.

MATA, Inocência. Pepetela: A releitura da história entre gestos e reconstrução. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia (Org.). **Portanto... Pepetela**. São Paulo: Ateliê editorial, 2009.

MOTA, Denise. Independência e Justiça. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia (Org.). **Portanto... Pepetela**. São Paulo: Ateliê editorial, 2009.

NOA, Francisco. Literatura Moçambicana: os trilhos e as margens. In: _____. **Uns e outros na literatura moçambicana**. São Paulo: Editora Kapulana, 2017.

FERREIRA, Manuel. Dependência e individualismo nas literaturas africanas. **Centro de Estudos Portugueses**. Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 39-47, 1980. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.17851/2359-0076.2.3.39-47> Acesso em: 13\10\2020.

PORTAL DA LITERATURA. A obra. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia (Org.). **Portanto... Pepetela**. São Paulo: Ateliê editorial, 2009.

SECCO, Carmen Lúcia Tindó Ribeiro. Na curva oblonga do tempo, uma alegórica parábola. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia (Org.). **Portanto... Pepetela**. São Paulo: Ateliê editorial, 2009.

VARSAM, Maria. CHAPTER 11- Concrete dystopia: slavery and its others. In: BACCOLINI, Raffaella; MOYLAN, Tom (Ed.). **Dark horizons: science fiction and the dystopian imagination**. New York: Routledge, 2003, p. 203-224.

VIANNA, Magdala França. Parábola do Cágado Velho: O cágado Velho e o Pensador. In: In:



CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia (Org.). **Portanto... Pepetela**. São Paulo: Ateliê editorial, 2009.